

Apontamentos sobre a Transmissão Transgeracional da Violência Conjugal

*Bárbara Almeida Muniz - Roberta Carvalho Romagnoli**

Abstract

Questo testo si occupa della violenza coniugale e della sua ripercussione fra le generazioni famigliari, ricercando come le dinamiche coniugali possono diventare un modello per la generazione successiva, trasmettendo pure la violenza. La violenza coniugale è indagata attraverso gli studi di genere per investigare i rapporti di potere presenti in questo processo, mettendoli in relazione con gli studi sulle trasmissioni psichiche delle esperienze violente fra le coppie. A partire da una ricerca sul campo realizzata in una capitale brasiliana, abbiamo esaminato i seguenti argomenti: rapporti di potere; riproduzione e possibilità di creazione nelle generazioni; associazione con alcol ed altre droghe. Abbiamo concluso che la violenza coniugale è un fenomeno complesso connesso con questioni storiche e sociali di sottomissione della donna, ma allo stesso tempo in rapporto ad altri contenuti trasmessi fra le generazioni.

This text deals with conjugal violence and its repercussion among family generations, investigating how conjugal arrangements can be made available as a model for the subsequent generation on ways of relating between a parental couple, also transmitting violence. Conjugal violence is approached from the studies on gender to investigate the power relations present in this process, relating them to the studies on psychic transmissions of violent experiences between couples. Based on a field research conducted in a Brazilian capital, we examined the following themes: power relations; reproduction and possibilities of creation in generations; association with alcohol and other drugs. We conclude that conjugal violence is a complex phenomenon that is linked to historical and social issues of women's submission, but also relates to other contents transmitted between generations.

* Barbara Almeida Muniz: Ricercatore di Psicologia presso l'Università Cattolica di Minas Gerais, Brasile. Roberta Carvalho Romagnoli: Professore Facoltà Psicologia presso l'Università Cattolica di Minas Gerais, Brasile.

Parole chiave: violenza coniugale, trasmissione intergenerazionale.

Key words: coniugal violence, intergenerational transmission.

Resumo

Este texto trata da violência conjugal e da sua repercussão entre as gerações familiares, investigando como os arranjos conjugais podem se disponibilizar como um modelo para a geração posterior sobre formas de se relacionar entre um casal parental, transmitindo também a violência. A violência conjugal é abordada a partir dos estudos sobre gênero para investigar as relações de poder presentes nesse processo, relacionando-os com os estudos sobre transmissões psíquicas das vivências violentas entre os casais. A partir de uma pesquisa de campo realizada em uma capital do Brasil, examinamos os seguintes temas: relações de poder; reprodução e possibilidades de criação nas gerações; associação com álcool e outras drogas. Concluímos que a violência conjugal é um fenômeno complexo que se mostra atrelado a questões históricas e sociais de submissão da mulher, mas também que se relaciona a outros conteúdos transmitidos entre as gerações.

1. A violência conjugal e sua complexidade

O relacionamento conjugal, as suas formas de comunicação e estratégias de resolução de conflitos são questões fundamentais para a qualidade de vida do casal e de seus filhos. As situações de conflitos conjugais influenciam diretamente o desempenho da criança, as competências nas relações sociais e, até mesmo, na abertura a diversos sintomas físicos e emocionais¹. Conhecida como um tipo de violência doméstica e intrafamiliar, a violência conjugal representa uma das principais ameaças à saúde das mulheres e a maioria dessas agressões reflete um padrão de abuso contínuo². Assim, é um problema de saúde pública que afeta consideravelmente a vida dos filhos em todas as classes sociais.

¹ M.P. Braz - M.A. Dessen - N.L. Silva, *Relações conjugais e parentais: uma comparação entre famílias de classes sociais baixa e média*, in «Psicologia: Reflexão e Crítica», 18 (2005/2), pp. 151-161.

² L.P. Deeke - A.F. Boing - W.F. Oliveira - E.B.S. Coelho, *A dinâmica da violência doméstica: uma análise a partir dos discursos da mulher agredida e de seu parceiro*, in «Saúde e socieda-

Preocupados tanto com as questões de poder que perpassam o fenômeno quanto com as questões psíquicas, abordamos, neste estudo, mulheres que vivenciam esse tipo de violência através de uma intercessão entre esses dois domínios, dada a sua complexidade. Assim, efetuamos um diálogo entre o social e o familiar, como uma produção histórico-social, em que os acontecimentos sociais e políticos atuam na produção de sujeitos, delineando lugares e papéis na sociedade, regulando seus modos de existir. O gênero é uma construção social e política, na qual temos diferenças entre homens e mulheres que são convertidas em desigualdade, tanto na esfera pública quanto privada, assimetrias atravessadas por uma lógica patriarcal que revelam diferenças de poder nas relações conjugais heterossexuais como aponta Saffioti³. Por outro lado, a subjetividade é também uma produção familiar, compondo-se em um grupo em que são inscritas as primeiras vivências sustentadas por vínculo entre seus membros⁴. Ou seja, o vínculo que se estabelece entre os familiares permite as transmissões psíquicas por mecanismos inconscientes que ocorrem nas relações intersubjetivas.

Fenômeno complexo e multifacetado, a violência conjugal afeta a todos que a sofrem e a produzem se localizando na interface entre as relações de poder socio-históricas e o universo familiar. Ao examinar a construção histórica dessa distinção, observamos uma lógica patriarcal de dominação dos homens sobre as mulheres, frisando a posição periférica destas enquanto sujeito político e de direitos, além de sustentar a desvalorização simbólica da mulher. De acordo com esta lógica patriarcal, o feminino está ontológica e socialmente subordinado ao masculino, este último gênero, base das relações sociais e base das relações familiares. Nessa direção, a violência contra as mulheres pode ser explicada não como um fenômeno de exceção, mas consentida do ponto de vista social como denuncia Va-

de», São Paulo, 18 (2009/2), disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010412902009000200008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 02/04/2014.

³ H. Saffioti, *Gênero, patriarcado e violência*, Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo 2004.

⁴ A.S. Neves - L.R.S. Gomes - L.C. Vidal, *Violência e família: possibilidades vinculativas e formas de subjetivação*, in «Revista Psicologia Clínica», 26 (2014/1), pp. 33-45.

rikas⁵. Segundo Chauí⁶, a lógica patriarcal é uma construção que atravessa gerações, épocas, e vem delineando lugares ocupados por homens e mulheres em uma relação de poder assimétrica e intensa.

A partir dessa perspectiva, podemos afirmar que durante anos, nossa sociedade construiu, em torno de si e no senso comum, um olhar naturalizado acerca das mulheres, resultado de crenças e valores transmitidos de geração em geração sem serem questionados, no qual elas ocupam um lugar inferior frente ao homem⁷. A transgeracionalidade nos permite investigar a existência ou não da transmissão geracional da violência na família, não deixando de incorporar os atravessamentos históricos e sociais que sustentam o fenômeno. A família é fundadora da vida psíquica do sujeito, é nesse grupo que a subjetividade se constitui. Conforme Magalhães e Féres-Carneiro⁸, a afetividade envolvida entre membros de uma família abre espaço para inscrição dos modos de relação do casal parental na subjetividade dos filhos e viabiliza as passagens dos conteúdos psíquicos. Isso acontece porque o sujeito se liga, se identifica com estas figuras parentais. Neste espaço de trocas familiares, há uma comunicação entre as subjetividades dos diversos sujeitos do grupo familiar – isto é o que denominamos de intersubjetividade.

Para que haja uma transmissão psíquica, é preciso haver alguma identificação inconsciente formada, e continuamente transformada, em relação aos outros com os quais convivemos e de acordo com os sistemas culturais que estamos inseridos. Os processos de identificação nas famílias servem de norte para este indivíduo se inscrever em formas de ser mulher, por exemplo. Contudo, é preciso destacar que a expressão da identidade deste sujeito não será idêntica à de seu familiar, pois ele mantém sua particularidade. Desse modo, os comportamentos de cada cônjuge e a maneira como se relacionam um com o outro em sua conjugalidade podem contribuir

⁵ E. Varikas, *Max Weber, a gaiola de aço e as senhoras*, in D. Chabaud-Rychter - V. Descoutures - A. M. Devreux - E. Varikas (eds.), *O gênero nas Ciências Sociais*, Unesp, São Paulo, Editora Universidade de Brasília, Brasília 2014, pp. 423-442.

⁶ M. Chauí, *Participando do debate sobre mulher e violência*, in «Perspectivas antropológicas da mulher», 4 (1985), pp. 23-62.

⁷ S.G. Silva, *Preconceito e discriminação: as bases da violência contra a mulher*, in «Psicologia Ciência e Profissão», 30 (2010/3), disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932010000300009&lng=pt&nrm=iso.

⁸ A.S. Magalhães - T. Féres-Carneiro, *Transmissão psíquica geracional na contemporaneidade*, «Psicologia em Revista», 10 (2004/16), pp. 243-255.

para modular os projetos de vida e a organização individual dos membros da família⁹.

É a partir do par parental que se dá a transmissão psíquica entre as gerações. Transmissão de crenças, segredos e até mesmo de formas de relacionar que podem envolver violências e agressões que se efetuam de maneiras distintas¹⁰. Existem os processos de transmissão intersubjetiva, que permitem a transformação, a elaboração do que foi passado no ato da transmissão, conduzindo à diferenciação de uma geração para a outra, permitindo uma evolução entre o que é transmitido e o que é herdado. No entanto, esses processos também sustentam valores que asseguram a continuidade do grupo e sua cultura, assim como a tradição, passagem que ocorre, muitas vezes, de forma direta, sem elaboração dos conteúdos, por mecanismos de repetição familiar. Hartmann e Schestatsky¹¹ afirmam que todo o trabalho de ligações e de transformações pode falhar, e a transmissão psíquica pode, então, ser alienante e não estruturante, de modo a permitir a repetição naturalizada.

Segundo Magalhães e Féres-Carneiro¹² nesse processo não elaborado, transmitir passa a ser uma missão destrutiva, uma vez que esta ocorre à custa da submissão ou até da aniquilação da especificidade de cada sujeito. Ou seja, o sujeito não filtra os conteúdos transmitidos, e a falta deste filtro o condena a uma reprodução sem singularidade. Nesse contexto, a reprodução da violência conjugal remete ao legado passado entre os familiares como uma cultura a ser perpetuada de forma impensada, não elaborada, tornando o sujeito cativo da dor de seus antepassados, preso a uma sentença transgeracional da qual não consegue se libertar¹³. Todavia, para que essa repetição deixe de ocorrer, é necessário a apropriação da história familiar de maneira particular, que cada um faça suas escolhas, crie e recrie

⁹ *Ibidem*.

¹⁰ B. Mandelbaum - L.B. Schraiber - A.F.P.L. D'Oliveira, *Violência e vida familiar: abordagens psicanalíticas e de gênero*, in «Saúde soc.», 25 (2016/2), pp. 422-430, disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902016000200422&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23/10/2018.

¹¹ I.B. Hartmann - S. Schestatsky, *Transmissão do psiquismo entre as gerações*, in «Revista Brasileira de Psicoterapia», 13 (2011/2), pp. 92-114.

¹² A. S. Magalhães - T. Féres-Carneiro, *Transmissão psíquica geracional na contemporaneidade*, cit.

¹³ I.B. Hartmann - S. Schestatsky, *Transmissão do psiquismo entre as gerações*, cit.

sua subjetividade. Como destacam Seixas e Dias¹⁴, não estamos fadados a uma eterna repetição, somos aptos a atuar sobre nossa realidade psíquica e aprender outras formas de interação na nossa socialização secundária – fora da família de origem –, que também nos oferece possibilidades de experiências distintas e possíveis deslocamentos subjetivos.

2. Escutando as mães e as filhas sobre a violência

Visando estudar as implicações da violência conjugal na subjetividade dos filhos, com ênfase nos aspectos transgeracionais e de gênero, fizemos uma pesquisa qualitativa, entrevistando mulheres que viviam a dinâmica da violência conjugal e que eram atendidas em uma instituição pública, para obter suporte psicológico e jurídico, em uma capital do Sudeste do Brasil. Escutamos duas dessas mulheres em entrevistas semiestruturadas. No intuito de explorar a questão das gerações, escutamos também as mães destas mulheres. Em nossos encontros, procuramos levantar tanto a história de violência conjugal vivida na relação atual, como também o histórico conjugal da geração anterior – o par parental – e as possíveis ligações intergeracionais com a geração futura. Efetuamos essa busca através de dois olhares: tanto o das próprias filhas da relação, quanto o de suas mães autoras e/ou vítimas da violência conjugal. Entretanto, em alguns casos, também foi possível coletar dados – através da fala dessas mulheres – sobre o histórico conjugal dos pais de seus cônjuges. A partir disso, examinamos os atravessamentos da violência conjugal em três gerações e de ambos os lados.

As pesquisadas tinham ensino superior completo, possuíam vínculo empregatício, não dependendo financeiramente de seus cônjuges. Eram moradoras desta capital, com idade entre 20 e 50 anos, e viviam ou já viveram a dinâmica da violência conjugal com seu parceiro íntimo (atual ou não), possuindo um ou mais filhos frutos desta relação. A partir desses relatos elaboramos os temas: relações de poder; reprodução e possibilidades de criação nas gerações e associação com álcool e outras drogas, que analisamos a seguir.

As relações de poder atravessam a interação dos casais, sustentando a violência conjugal, justificada na naturalização dos lugares e papéis desem-

¹⁴ M.R.A. Seixas - M. L. Dias (eds.), *Transmissão psíquica transgeracional e violência familiar*, in «A violência doméstica e a cultura da paz», Roca, São Paulo 2013, pp. 61-74.

*penhados por homens e mulheres ao longo de toda a história, alicerçada principalmente nos valores patriarcais*¹⁵. Esses papéis naturalizados em uma família e na sociedade são transmitidos entre as gerações como códigos que, frequentemente, não são questionados. Esses códigos não elaborados têm se tornado motivações e justificativas para a violência de gênero que ocorre entre os casais.

A violência nas relações expressa dinâmicas de afeto e poder e denuncia uma assimetria nas relações de gênero, perpetuando o ciclo das agressões e estabelecendo uma relação de dominação-submissão. Nesse processo, as mulheres que sofrem a violência muitas vezes não questionam o lugar que ocupam, sua inferioridade ou desqualificação mantidas pelo cônjuge.

Nesse jogo de poder, segundo as mulheres escutadas, um dos elementos que desencadeia a violência é o ciúme. Para Chauí¹⁶, esse sentimento é a expressão deste tipo de relação de dominação em que há uma coisificação do outro, um desejo de mando e opressão. As traições também permeiam as relações das entrevistadas, algumas reais e outras expressas em acusações por parte de um dos cônjuges. Desse modo, o ciúme se entrelaça com a infidelidade quando se imagina uma possível traição, ou seja, aquela em que se acusa a parceira sem ter provas do fato, baseando-se na desconfiança e nas suposições que fazem parte da imaginação. De fato, existem questões na relação conjugal que dizem dos atravessamentos de gênero, dos valores patriarcais que vão modulando as maneiras de agir deste casal e o homem se sente no direito de agredir quando se sente inseguro e vulnerável.

Na categoria *Reprodução e possibilidades de criação nas gerações*, observamos que os efeitos da violência são nítidos em todo o discurso das duas famílias pesquisadas e atravessam as gerações seguintes. Magalhães e Féres-Carneiro (2007) nos apresentam diversas consequências destas vivências violentas sobre a subjetividade dos que participam delas, tanto os cônjuges quanto seus filhos. Além dos prejuízos imediatos causados pela relação violenta sobre os pares e os filhos, a violência se perpetua em modelo para as gerações seguintes, formando, em muitos casos, um ciclo interminável. Esses efeitos se ramificam, se expressando a cada novo vínculo formado, a cada nova família.

¹⁵ S.G. Silva, *Preconceito e discriminação: as bases da violência contra a mulher*, cit.

¹⁶ M. Chauí, *Participando do debate sobre mulher e violência*, cit.

Em nosso estudo há tanto a reprodução direta do comportamento da violência quanto os efeitos psíquicos e reprodutivos que passam de mãe para filha, como foi colocado pelas mulheres que escutamos. Como colocam Magalhães e Féres-Carneiro¹⁷, essa transmissão torna o sujeito cativo da dor de seus antepassados e o faz viver conforme uma sentença transgeracional da qual não consegue se libertar. As mulheres pesquisadas, por exemplo, quando falam de seu histórico conjugal e de suas mães, conseguem identificar que muitos movimentos que fazem são reproduções das vivências de seus pais. Assim também, as mães notam que suas filhas estão enlaçadas em uma conjugalidade que parece se espelhar nas experiências que tiveram com seus cônjuges. Uma delas fala: «Vejo minha história repetindo. A minha filha passando o mesmo que eu». Percebemos padrões de comportamento que se reproduzem na geração seguinte como conteúdo bruto, não elaborado.

Mães e filhas se encontram em uma relação conjugal violenta na qual seu parceiro usa tanto da violência física quanto da violência psicológica. Filhas parecem procurar o mesmo padrão de vínculo conjugal que as mães estabeleciam com o marido e reproduzem também um histórico de violência conjugal. Essas mulheres se encontram amarradas a esta realidade, continuamente atravessada pela violência, da família de origem à família atual, e perpetuam a violência na geração seguinte como um padrão de vínculo entre homens e mulheres. Conforme Penso e Costa¹⁸, a transmissão da violência entre gerações funciona como um padrão de relacionamento que acompanha a história familiar de um grupo e vai sendo reproduzido como se este fosse o único modo vincular de existir daquela família e de todas as gerações que se seguirem a partir dela. Assim uma delas fala: «Todos os meus relacionamentos foram com pessoas violentas e usuários de drogas, parece que eu procuro isso». Neste caso, notamos a maneira com que o relacionamento entre os pais se enraíza no psiquismo dos filhos como um projeto de vida a dois do qual parecem não poder

¹⁷ A.S. Magalhães - T. Féres-Carneiro, *Transmissão psíquica geracional: um estudo de caso*, in T. Féres-Carneiro (ed.), *Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação*, Casa do Psicólogo, São Paulo 2007, pp. 341-364.

¹⁸ M.A. Penso - L.F. Costa, *Investigando a transgeracionalidade da violência intrafamiliar: da pesquisa à intervenção*, in Id., *A transmissão geracional em diferentes contextos*, Summus editorial, São Paulo 2008, pp. 251-281.

escapar, mesmo que desejem racionalmente não reproduzir este tipo de vínculo violento, seguem o mesmo caminho de seus antepassados¹⁹.

Uma das mulheres que entrevistamos percebe a transmissão psíquica em sua família e atribui a responsabilidade à família de seu marido. Ela justifica que os relacionamentos agressivos nos quais a filha se envolve estão enraizados nos modos com que os pais de seu cônjuge vivem sua conjugalidade. Nesse processo, acredita que sua filha se identifica com a sogra e reproduz seus comportamentos na relação íntima a dois. A referências aos avós é um ponto que nos possibilita explorar a transmissão transgeracional, que atravessa as gerações de maneira a amarrá-las, não como um nó que liga cada geração direta à próxima, mas como um fio que conduz toda a herança e atravessa as gerações futuras deixando seus vestígios.

Além da história de vida conjugal pessoal de cada mulher e das dinâmicas vividas por seus pais, em nosso trabalho também foi possível alcançar a família dos cônjuges destas mulheres, ou seja, um pouco do histórico dos antepassados destes maridos, através do seu discurso. Uma delas, diz, quando expõe a história de vida do marido: «Ele foi traído pela ex-mulher, aí ele desconfia de mim e me persegue. É um trauma dele. O pai dele traía a mãe, ele via e sabia de tudo, pois o pai levava ele para as traições». Esse relato indica como as vivências na história familiar anterior deixam suas marcas. Estas marcas são levadas de maneira destrutiva para as relações futuras.

O marido dessa mulher que nos contou essa história, apresenta dois atravessamentos que alimentam a violência que pratica contra sua parceira. Primeiramente, este homem possui um histórico de traição em sua família de origem por parte de seu pai, modelo de homem com o qual se identifica e ativador de uma dinâmica conjugal que pode reproduzir. As identificações colocadas por Hartmann e Schestatsky²⁰ e Magalhães e Féres-Carneiro²¹ são o alicerce das transmissões psíquicas que permitem tal processo, pois o sujeito necessita se identificar e ser reconhecido através disso como pertencente ao grupo familiar. Nesse caso parece-nos que a ideia de que a dinâmica conjugal é cercada por infidelidades, atravessa a construção de suas relações afetivas. Esta crença pode tanto ativar as

¹⁹ A.S. Magalhães - T. Féres-Carneiro, *Transmissão psíquica geracional: um estudo de caso*, cit.

²⁰ I.B. Hartmann - S. Schestatsky, *Transmissão do psiquismo entre as gerações*, cit.

²¹ A.S. Magalhães - T. Féres-Carneiro, *Transmissão psíquica geracional na contemporaneidade*, cit.

inscrições em seu psiquismo da possibilidade ou realidade de ser traído, como também pode vir para confirmar e perpetuar o que já estava enraizado devido às vivências com seus pais. As diversas experiências de vida deste homem abrem espaço em seu psiquismo para desencadear comportamentos como: desconfiar, perseguir e acreditar que sua esposa o trai com o ex-marido dela. Assim, ele se mantém em uma posição agressiva, em uma relação violenta e parece não enxergar outra possibilidade para a relação íntima entre os casais. Com isso, ele contribui para propagar a violência nas gerações futuras, para também transmiti-la a seus netos.

Esses discursos nos conduzem aos modos de se comportar dos homens, referenciados nas vivências de seus pais e não somente nas relações de gênero, como vimos na categoria anterior. Esses discursos se sustentam, muitas vezes em desculpas para não se esforçar a desenvolver outras formas de se relacionar. Nesse contexto, torna-se mais dominante agir conforme os padrões que já contaminaram seu psiquismo que fazer um movimento de abertura a novas maneiras de ser e agir. Romagnoli²² discute sobre a dificuldade que tanto os homens quanto as próprias mulheres possuem em fazer um movimento diferente daquele de seus antepassados e abrir espaços e possibilidades para expressar outras experiências na relação que não sejam a violência conjugal. Como forma dominante, este tipo de violência se justifica em uma lógica disseminada social, possibilitando a não responsabilização do agressor. A mesma violência também pode se justificar entre as gerações, referindo-se a conteúdos agressivos transmitidos pela família, como comportamentos e modelos de relacionamentos violentos.

Por essa perspectiva, o parceiro se apoia na transmissão de comportamentos e modos de relacionamento para se desculpar por agir com violência, na justificativa de que este é o único modo de vida a dois que conhece e que aprendeu. Acreditamos e evidenciamos que tanto os homens quanto as próprias mulheres podem se prender a argumentos fundamentados em vivências de seus antepassados e, assim, não produzir deslocamentos subjetivos desse padrão de relação, não sustentar novos modos de estar junto. Postura que reproduz atitudes e em que não há esforço para modificar e tampouco responsabilidade nas consequências dos atos violentos.

²² R.C. Romagnoli, *A violência contra a mulher em interlocução com a esquizoanálise: aprisionamentos e devires*, in R.C. Romagnoli - F.F.S. Martins (eds.), *Violência doméstica: estudos atuais e perspectivas*, CRV, Curitiba 2012, pp. 43-63.

Nossa pesquisa abordou ainda como a transmissão da violência conjugal se revela nos filhos na infância. Os efeitos da violência sobre o filho de uma delas, segundo sua percepção, nos mostram como a violência se perpetua e se reproduz em outros encontros diferentes das expressões que vimos entre cônjuges, reproduzindo total ou parcialmente o histórico conjugal dos pais. Ela diz: «[...] o meu menino de dois anos agora dá socos nas pessoas... morde o irmão», mostra como seu filho expõe comportamentos agressivos de maneira similar à que presencia entre seus pais. Outra mulher nos fala sobre sua filha: «Está malcriada, xingando, desobediente, teimosa. Ela responde a mim e à vó. O pai ela respeita mais, mas também responde». As atitudes do marido se manifestam sobre a criança a partir do não reconhecimento da autoridade da mãe e do desrespeito. Neste ponto, a filha parece ter como referência de relacionamento a maneira como o pai trata a mãe.

Constatamos em muitos dos discursos de nossas entrevistadas a *Associação com álcool e outras drogas, nossa última categoria*. Zaleski, Pinsky, Laranjeira, Ramisetty-Mikler e Caetano²³ também revelam a combinação entre o uso de tais substâncias e a violência. Conforme os autores, o abuso de bebidas alcoólicas diminui a capacidade de raciocínio lógico, desinibe, aumenta a irritabilidade, impulsividade, entre outros sintomas (dependendo da quantidade e da frequência do uso). Os efeitos acarretados pela utilização destas substâncias são, evidentemente, facilitadores no desencadeamento de atos violentos. Nesse contexto, podemos nos questionar: não poderiam estes homens alcoolizados procurar agredir outros homens em vez de suas mulheres? Contudo, com muita frequência são as mulheres que são agredidas. Procuramos pensar na violência contra as mulheres no sentido do jogo conjugal discutido por Almeida e Stengel²⁴, em que se dá uma relação de poder complexa e, dessa maneira, o álcool pode aparecer como justificativa para camuflar a violência. O descontrole do parceiro baseado no uso do álcool colocá-lo-ia como incapacitado e não responsável por seus atos.

²³ M. Zaleski - I. Pinsky - R. Laranjeira - S. Ramisetty-Mikler - R. Caetano, *Violência entre parceiros íntimos e consumo de álcool*, in «Revista de Saúde Pública», São Paulo, 44 (2010/1), disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003489102010000100006&lng=pt&nrm=iso.

²⁴ E. Almeida - M. Stengel, *Individualismo e violência psicológica nas relações de conjugalidade*, in R.C. Romagnoli - F.F.S. Martins (eds.), *Violência doméstica: estudos atuais e perspectivas*, CRV, Curitiba 2012, pp. 165-186.

Com certeza, o álcool e outras drogas favorecem o desencadear da violência conjugal, atuando como desinibidores, estimulantes e também como desculpas para perpetuar as brutalidades e agressões. Entretanto, é preciso destacar que as consequências do uso dessas substâncias não justificam as violências conjugais. Na verdade, podem funcionar como uma abertura para que este homem expresse sentimentos ou vivências anteriormente reprimidas tanto com sua parceira quanto com seus familiares em sua infância, por exemplo. Acreditamos que o uso da química pode servir como escape para que se apresentem comportamentos já pensados, mas não expressados, pois foram barrados pela instância psíquica que nos permite elaborar, filtrar e pensar, conforme abordado nos estudos de Magalhães e Féres-Carneiro²⁵. O grande risco, no nosso entender, é que este uso seja distorcido e utilizado como pretexto para justificar e amenizar a violência sofrida pelas mulheres.

Nesse contexto, as próprias mulheres muitas vezes tendem a desculpar a agressão sofrida, quando esta se dá porque seu parceiro havia bebido. Esse movimento das mulheres camufla e naturaliza a violência. Uma das mulheres que escutamos diz «[...] sem a droga ele é maravilhoso, ele faz tudo que eu peço». O relato de nossa entrevistada abre caminhos para pensarmos não somente na associação entre álcool e violência, mas também em como esse fator pode ser utilizado como pretexto para não se findar com os episódios de agressão. O marido da entrevistada procura agradá-la nos momentos seguintes às agressões e, dessa maneira, vai amarrando-a neste jogo de «bandido-mocinho» e se justificando a cada episódio violento em seu vício pelas substâncias psicoativas. Nossa entrevistada deposita a responsabilidade pela violência na bebida e na cocaína e não em seu cônjuge, que, de fato, não é responsabilizado pelos efeitos deste uso. Mas, na verdade, nada justifica episódios de hostilidade, agressões e crueldades.

3. Considerações finais

Com certeza, a violência conjugal é um fenômeno complexo e encontra-se enlaçada pelas questões de gênero e cultura de cada família, passados de uma geração à outra. A partir de nosso estudo, percebemos que a lógica patriarcal atravessa a história dos casais, mantendo as assimetrias

²⁵ A.S. Magalhães - T. Féres-Carneiro, *Transmissão psíquica geracional na contemporaneidade*, cit.

existentes nas relações de conjugalidade. Em nosso percurso notamos ainda que a violência é transmitida aos filhos do casal que vive a dinâmica da violência, seja como um mecanismo de repetição ou trazendo outros prejuízos à saúde desses sujeitos. Portanto, os filhos não ficam indiferentes ao que acontece entre o casal.

Conforme percebemos através das falas das mulheres que escutamos, todas elas perpetuam dinâmicas agressivas e violentas que possuem alguma correlação com a história transgeracional intrafamiliar, tanto dos pais quanto dos avós. Notamos que, apesar de cientes, de que as histórias estão se repetindo e dos sofrimentos engendrados na lógica patriarcal, estes sujeitos permanecem cristalizados nesses papéis, justificando-se como incapazes de transformarem suas vidas. Diante disso, questionamos em que medida podemos afirmar que esta lógica de poder que define papéis engessando estes sujeitos não permite que existam espaços para que os cônjuges transitem destes lugares de sofrimento e repetição para espaços de invenção. Isso nos leva a concluir que a questão da manutenção de uma dinâmica que traz sofrimento no cotidiano se apoia tanto no social quanto no individual. Ao longo da discussão de nossas categorias temáticas, fica explícito como estas se interligam, uma vez que não apenas a dinâmica conjugal violenta se mostra constituída em meio à complexidade da contemporaneidade, como também atrelada aos conteúdos que se transmitem de gerações precedentes. Na trama da violência conjugal, relações de poder se interpenetram com questões transgeracionais e com a não responsabilização dos parceiros pelo ato em si quando ocorre a ingestão de álcool e drogas, fato que evidencia a multideterminação e a processualidade do fenômeno.

Consideramos que a violência conjugal possui várias facetas, daí a necessidade de diálogo entre as relações de gênero e as transgeracionais. Estamos cientes que não esgotamos o tema daquelas que vivem e revivem essas tramas em seus cotidianos. Esperamos, sim, lançar alguma luz na compreensão do fenômeno que favoreça saídas construtivas para essas mulheres e esses homens, auxiliando na sustentação de intervenções que memorizem esse grave problema social e de saúde pública.